



Coleção de cartazes: um estudo de caso da Sala de Artes Sérgio Milliet, da Biblioteca Mário de Andrade

Autores¹:

Aline Barbosa²

Anne Mariano³

Beatriz Cristiane de Araújo⁴

Resumo

A Sala de Artes Sérgio Milliet da Biblioteca Mário de Andrade, localizada na cidade de São Paulo, possui, além do acervo bibliográfico especializado em artes, uma rica coleção de cartazes recentemente organizada entre janeiro de 2012 e junho de 2013. A coleção possui cerca de 1600 cartazes que datam da década de 1950 até o presente ano, com destaque para cartazes com gravuras originais e para os utilizados nas manifestações de junho de 2013 em São Paulo. A maioria dos cartazes pertence a áreas afins às artes como artes plásticas e gráficas, música, teatro, arquitetura, dança, cinema e circo. Entretanto, a coleção também possui cartazes de turismo, literatura, meio ambiente, história, ciências sociais, educação, esporte, biblioteconomia, arquivologia e efemérides. O artigo apresenta um breve histórico do cartaz no mundo com a finalidade de demonstrar a

1

De modo a atender as regras do 3º Seminário de Informação em Arte um dos autores, Natan Tiago Batista Serzedello, Bacharel em biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina e atual coordenador da Sala de Artes Sérgio Milliet, concordou em não ser referenciado como autor. E-mail: nserzedello@prefeitura.sp.gov.br

2

Bacharel em biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo foi bibliotecária chefe da Sala de Artes Sérgio Milliet entre janeiro de 2010 e agosto de 2013. Atualmente é Supervisora de Atendimento ao Público da Biblioteca Mário de Andrade. E-mail: alinebarbosa_86@hotmail.com

3

Técnica em Design Gráfico, atualmente cursa graduação em História da Arte na Universidade Federal de São Paulo e é estagiária da Sala de Artes Sérgio Milliet da Biblioteca Mário de Andrade. E-mail: anne.mariano@hotmail.com

4

Bacharel em Biblioteconomia pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, trabalha como encarregada de equipe Sala de Artes Sérgio Milliet da Biblioteca Mário de Andrade. E-mail: bca_araujo@yahoo.com.br

relevância artística e histórica desse tipo de material, voltando-se principalmente à produção da cidade de São Paulo, origem da maior parte dos cartazes. Expõe também a história da formação desta coleção abrigada na biblioteca, bem como as metodologias e referências de preservação e conservação empregadas para sua organização. O estudo finaliza com reflexões acerca do público potencial e da importância da digitalização como ferramentas de acesso, difusão e preservação desses materiais.

PALAVRAS-CHAVES cartazes; história do design; artes gráficas; acervo de arte.

INTRODUÇÃO

O cartaz tem como emprego essencial a comunicação visual rápida, clara e objetiva, entretanto também é contemplado por seus atributos artísticos e estéticos.

Frente as várias funcionalidades, contribuições e as possibilidades de estudos e pesquisa dos cartazes, este artigo discorre sobre a coleção de cartazes da Sala de Artes Sérgio Milliet da Biblioteca Mário de Andrade, localizada na cidade de São Paulo.

Primeiramente, apresenta referencial teórico e as reflexões contemporâneas sobre o cartaz. Em seguida, pormenoriza-se o objeto de estudo, retratando o ambiente onde está localizada a coleção, seu histórico e tratamento informacional: organização, dimensão e as características de destaque, e discorre sobre o público potencial e a importância da digitalização, que reflete a necessidade de preservação e diversidade de suportes para a ampliação do acesso ao acervo.

1. O cartaz: dados históricos e reflexões contemporâneas

O cartaz é um dos objetos compreendidos dentro do surgimento de um campo mais amplo da comunicação, que começa a ser delimitado entre o final do séc. XVIII e primeira metade do séc. XIX: o design gráfico. Antes desse período, como nos aponta Alain Weill, “a divulgação boca a boca era suficiente para uma economia cuja produção correspondia mais ou menos a uma demanda limitada” (2010, p.12), contudo, com a mudança dos meios de produção e a consequente mudança na dinâmica social a partir da Revolução Industrial, um outro cenário passa a ser observado. A aceleração no progresso técnico industrial é acompanhada pelo aumento da densidade demográfica nas cidades e em seus subúrbios, e uma série de novas demandas começam a aparecer, entre elas, a

competitividade com o crescimento da oferta de produtos e serviços a um público consumidor também em crescimento.

As inovações na indústria gráfica passam a responder a esse contexto, sendo desenvolvido novos suportes e aprimorados os suportes antigos. O cartaz, cuja difusão foi possibilitada por tais inovações, é, conseqüentemente, o reflexo dela, constituindo um rico meio de estudo do progresso técnico da indústria gráfica.

A linguagem do cartaz também se desenvolve nesse contexto, junto às embalagens e rótulos, à popularização das revistas e dos jornais, e ao mercado editorial como um todo.

O cartaz é, assim, contemporâneo da metrópole, da grande cidade surgida com a Revolução Industrial, e é uma das suas manifestações típicas, assim como o cinema e a cultura de massas. (MORETTO, 2008, p.5)

Além de compreender as variações estilísticas entre o período de surgimento dos cartazes e os dias de hoje, mostra-se importante a compreensão do seu impacto no meio urbano e de seu diálogo com o cenário de mudanças constantes que passou a vigorar a partir da Revolução Industrial e que ainda vivenciamos. O design, e conseqüentemente, o cartaz, pode ser compreendido enquanto arte popular, possuindo, assim, uma significativa função social, como nos aponta Bettreville:

A esfera de ação do design encontra-se entre nós e nossa existência material, influenciando não apenas nosso ambiente visual e físico, como também a percepção que temos de nós mesmos.

O processo de construção das formas e as próprias formas embutem valores e padrões de comportamento que afetam grande número de pessoas e todos os aspectos de nossa vida. (in BIERUT et al., 2010, p. 298)

Alcançamos, assim, a segunda qualidade a ser potencialmente explorada em um acervo de cartazes: a dimensão social da construção de um ambiente, físico e visual, realizada, também, pelo design gráfico.

Da mesma forma que as duas potencialidades citadas acima, a abordagem do design gráfico enquanto expressão artística vem sendo

disseminada somente há algumas décadas. Embora sua relação com a cultura e com a criação artística nos pareça evidente hoje, sua valorização se deu progressivamente ao lado da consolidação do design gráfico enquanto campo profissional e do crescimento de estudos sobre o desenvolvimento de sua linguagem e suas variações estilísticas

No início dos anos 80, Massimo Vignelli, arquiteto de formação e designer, publicou no prefácio da edição de 1983-1984 do *Anuário Graphis* a necessidade de reavaliação e adoção de uma abordagem crítica mais rigorosa para a consolidação do design gráfico enquanto campo de conhecimento. Nesta publicação, denominada *Convite à crítica*, Vignelli aponta a documentação de design como fonte essencial de informação para esta reavaliação de períodos, indivíduos ou acontecimentos e antecipa o gradativo aumento de estudos sobre design gráfico que se assistiu a partir de então.

No Brasil, embora as publicações e estudos sobre design gráfico também tenham aumentado, consolidando grandes nomes de teóricos como Chico Homem de Melo e Rafael Cardoso, a documentação de peças de design, sejam elas gráficas ou não, não se tornou uma prática tão comum mesmo após trinta anos da publicação do artigo de Vignelli. Como reflexo disto, observamos a declaração feita em 2011 pelo norte-americano Steven Heller, no prefácio de *Linha do tempo do Design Gráfico no Brasil*, apontando que “embora o design produzido no Brasil tenha a sua dose de conceitos emprestados, nem por isso deixa de ter um caráter singular”, concluindo, em seguida, que “o design brasileiro, cuja maturidade é possível situar nas décadas de 1980 a 1990, com designers e artistas contemporâneos de expressão internacional, é uma espécie de tesouro esquecido.” (MELO, 2011, p. 9).

Como dito, embora o estudo do design gráfico brasileiro tenha aumentado, a constituição de acervos que favoreçam tais pesquisas aparentemente não alcançaram o mesmo nível. O cartaz, que teve sua

presença intensificada no Brasil somente após a primeira Guerra Mundial, com o desenvolvimento industrial e o crescimento econômico, tem, por sua força comunicacional, “a capacidade de representar uma época, tanto como documento histórico quanto como registro de sua visualidade” (MORETTO, 2008, p.5). Constitui, portanto, um importante referencial nas pesquisas técnicas, sociais ou artísticas sobre o design brasileiro.

O acervo de cartazes da Sala de Artes Sérgio Milliet se apresenta, tendo em vista estas reflexões, como um suporte significativo às pesquisas deste campo na cidade de São Paulo. A maioria dos cartazes que constitui seu acervo, pelo contexto de sua criação⁵, é datada no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1990, visto, por muitos dos pesquisadores do campo do design gráfico, como o período mais fértil da produção brasileira. Em meio a mais de 1.600 cartazes – paulistas, brasileiros e internacionais – são encontrados criações de grandes nomes como Alexandre Wollner, Massao Ohno, Willys de Castro, Elifas Andreato e Zélio, entre tantos outros nomes menos conhecidos nesta história que ainda está sendo escrita.

2. Coleção de cartazes: um estudo de caso da Sala de Artes Sérgio Milliet, da Biblioteca Mário de Andrade

2.1 A Biblioteca Mário de Andrade e o Serviço de Belas Artes

A Biblioteca Mário de Andrade, fundada em 1925, é a maior biblioteca pública do estado de São Paulo.

O crescimento de seu acervo culminou na construção de um prédio, entre os anos de 1938 e 1942, especialmente projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon para abrigar toda a coleção. O prédio localizado na Rua da Consolação, centro da cidade de São Paulo, possui 6 salas de

5

VER Histórico do Departamento de Artes, p. 5 deste artigo.

atendimento ao público (Circulante, Sala de Atualidades, Sala de Artes Sérgio Milliet, Mapoteca, Obras Raras e Especiais e Coleção Geral) além de 22 andares de acervo.

A Sala de Artes Sérgio Milliet, batizada à época de Serviço de Belas Artes, foi criada em 1945, pelo seu então diretor Sérgio Milliet. Segundo Almeida (1998, p. 35) tinha como objetivo “proteger os livros de arte que começavam a ser objeto de vandalismo, apresentando reproduções arrancadas e outros estragos, já que essa coleção fazia parte do acervo geral da biblioteca, fundada em 1925”.

Devido a sua temática, várias tipologias de material fazem parte da coleção da Sala de Artes Sérgio Milliet. Além de livros e revistas especializados, há também catálogos de exposição, flyers, convites e uma coleção com pouco mais de 1600 cartazes.

2.2 A coleção de cartazes: os materiais e sua organização

Entre 2007 e 2010 o prédio da Biblioteca Mário de Andrade passou por uma grande reforma e reestruturação administrativa, que envolveu alteração de quadro de equipe, realocação e adequação das coleções.

Em janeiro de 2012, a equipe da Sala de Artes iniciou a reorganização dos diversos materiais (que não livros), constatando que os cartazes encaixotados durante o período da reforma não haviam passado por nenhum tipo de tratamento técnico.

Concomitante ao início da organização dos materiais, surgiu a demanda de pesquisa advinda de um grupo de alunos da professora Regina Wilke⁶, mostrando a necessidade de organização para a disponibilização destes materiais.

A princípio, foi feito um trabalho de identificação, higienização e acondicionamento dos cartazes, tendo como referência o manual “*Como*

⁶ Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Centro Universitário Senac

fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas” (2000), da especialista em papel Norma Cassares.

Posteriormente, tendo como base o texto *“Organização de um acervo de cartazes sob uma perspectiva de design gráfico” (2008), de Regina Wilke e Priscila Farias, foram realizados estudos de padronização de termos e campos, em conjunto com a equipe de Tratamento da Informação, sendo criada uma tabela em formato x/s com o objetivo de facilitar e agilizar o acesso às informações de exemplares específicos.*

Para a organização geral da coleção de cartazes da Sala de Artes Sergio Milliet também foram considerados procedimentos de organização física, conservação preventiva e catalogação de cartazes da *Bibliothèque National de France*, obtidos por meio de visitas técnicas realizadas em 2011, pela então coordenadora da Sala de Artes, por meio de bolsa concedida através do Programme Courants du Monde, que incentiva profissionais do mundo inteiro a conhecer as práticas de trabalho francesas na área da cultura e das artes.

Durante o processo de organização foi possível verificar, a partir de carimbos de identificação, que parte da coleção de cartazes da Sala de Artes Sérgio Milliet é oriunda do antigo Departamento de Informação em Arte (IDART), criado 1975 tendo como um de seus objetivos zelar pela guarda, organização e preservação de materiais de arte e sobre arte na cidade de São Paulo. Para cumprir seu objetivo, o IDART reunia uma equipe de pesquisadores de diferentes áreas da arte, cujas ações voltaram-se à documentação de eventos da cidade e pesquisas temáticas (ALMEIDA, 1998, p.53-58).

Na década de 80, devido às mudanças de governo, o IDART acabou sendo fechado e parte de sua coleção foi destinada ao Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo e, ao que os carimbos indicam, à Biblioteca Mário de Andrade.

A falta de documentação que explicitasse o objetivo da formação da coleção dificultam uma análise do perfil e intuito da mesma, contudo, a

reorganização e a demanda por pesquisa na área de artes plásticas trouxeram algumas conclusões: a maioria dos cartazes pertencem a áreas afins às artes como artes plásticas e gráficas, música, teatro, arquitetura, dança, cinema e circo. Entretanto, a coleção também possui cartazes de turismo, literatura, meio ambiente, história, ciências sociais, educação, esporte, biblioteconomia, arquivologia e efemérides.

A coleção total é composta por cerca de 1600 cartazes que datam da década de 1950 até o presente ano, com destaque para cartazes com gravuras originais de artistas como Darel Valença Lins, em exposição na Petite Galerie, em 1964, Iberê Camargo, também em exposição na Petite Galerie, sem registro de data e o cartaz do primeiro Festival de Inverno de Campos do Jordão chamado, a época, de Concertos de inverno de Campos do Jordão, datado de 1970. Tratando-se de destaques atuais, temos, ainda, os cartazes utilizados nas manifestações de junho de 2013, em São Paulo, recebidos em doação pela Gráfica Meli-Melo que os imprimiu e distribuiu na Avenida Paulista durante as passeatas.

Ao término da organização física da coleção, munidos de conhecimento em relação ao conteúdo do acervo, a equipe da Sala de Artes Sérgio Millet assumiu como missão garantir a preservação e o acesso aos materiais e torná-la “re”conhecida em meio ao público interessado.

3. Público alvo e a importância da digitalização

3.1 O público da coleção de cartazes da Sala de Artes Sérgio Milliet

Uma das principais características do cartaz é que ele traz quase sempre informação de qualidade temporária (CENTRO DE PESQUISA DE ARTE BRASILEIRA, 1980, p. 11). A coleção de cartazes da Sala de Artes Sérgio Milliet reforça tal afirmação a partir de seus materiais que promovem exposições de arte, peças de teatro, espetáculos de dança e

música, lançamento e exibição de filmes e eventos efêmeros em geral, como feiras, congressos, concursos ou cursos.

A riqueza da coleção mostra também peças gráficas criadas para a promoção e divulgação de informações turísticas e/ou institucionais, demonstrando assim, como já dito anteriormente, um panorama do desenvolvimento da linguagem e variações estilísticas do design.

Portanto, uma vez passado o evento que promove, o cartaz perde sua funcionalidade inicial de comunicação e divulgação e ganha valor histórico e, em alguns casos, de obra de arte.

O público do cartaz pode ser visto como um público efêmero e em constante mudança, já que o material que antes era de interesse apenas aos possíveis participantes de determinados eventos ou instituições, passa a ter importância a pesquisadores e estudantes das mais variadas áreas e assuntos dentro do design e da própria história.

O público real da coleção de cartazes da Sala de Artes Sérgio Milliet são pesquisadores e alunos da área de design gráfico interessados na área de estética e/ou tipografia. A coleção já atendeu, também, pesquisadores que complementaram suas pesquisas com informações extras e curiosidades como, por exemplo, um cartaz de uma peça de teatro sobre o Nelson Rodrigues que se tornou mais um elemento para o trabalho de uma pesquisadora do dramaturgo.

Instituições também fazem parte do público do acervo, tanto a própria Biblioteca Mário de Andrade, que usa os cartazes nas exposições temáticas para promover seu acervo, quanto outras instituições que solicitam empréstimo dos cartazes para exposições. Exemplo disso foi a exposição feita na Sala de Artes Sérgio Milliet sobre o Museu do Ipiranga, em razão do súbito fechamento do mesmo para reforma este ano, que expôs um dos cartazes de promoção turística do museu. Outro exemplo

foi o empréstimo de 29 cartazes, cuja temática eram os protestos de junho de 2013, para a exposição⁷ do Centro Cultural da Juventude⁸.

Além da responsabilidade de atender bem e melhorar os serviços e produtos para o público real, há grande preocupação com o não-público e o público potencial por meio de ações de divulgação e acesso remoto à coleção. As próximas ações da equipe seguem no sentido de angariar recursos para melhor acondicionamento e reparos dos materiais, bem como para um projeto de digitalização do acervo.

Uma das estratégias para obter os recursos necessários é dar ciência da importância, valor e utilidade do acervo a todos os profissionais da Biblioteca Mário de Andrade. Afinal, como diz Maria Christina Barbosa de Almeida:

Conhecer o potencial da documentação que possui é fundamental ao profissional para que ele possa definir as estratégias de atendimento e de serviços e produtos a serem oferecidos a seus múltiplos públicos. (ALMEIDA, 1998, p.295)

A divulgação da coleção de cartazes já faz parte das ações de comunicação da seção, que inclui instituições de estudo especializadas nas áreas de artes como universidades, escolas, liceus, museus e etc, onde pretende-se distribuir materiais impressos com informações sobre a Sala de Artes Sérgio Milliet e a Biblioteca Mário de Andrade.

Outra possibilidade, à semelhança do que é feito no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP)⁹, é deixar um link permanente com uma amostra do que contém a coleção de cartazes de modo a incentivar o uso e visitaçãõ.

A digitalização do acervo de cartazes poderá criar, ainda, um novo tipo de público que acessa o acervo virtualmente. Sobre a digitalização de

⁷

SECRETARIA EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO.

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=153734>
Acesso em: 20 set. 2013

⁸

CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE. Disponível em:

<http://ccjuve.prefeitura.sp.gov.br/2013/08/02/dia-internacional-da-juventude/> Acesso em: 20 set. 2013

⁹

Maiores detalhes sobre a site na página X desse artigo.

acervos museológicos Almeida afirma que:

A Internet criou, assim, um novo público para a cultura, que não é o público real (o que está presente, no caso, na biblioteca, no centro de documentação e no museu), nem o público potencial (o que deveria estar presente), mas o público virtual (cuja presença é intermediada pela informática). É preciso que se desenvolva uma metodologia para análise desse público, que não pode ser ignorado pelos pesquisadores da área de cultura, porquanto seu conhecimento será fundamental na definição dos conteúdos a serem veiculados, bem como nos recursos a serem investidos nesse setor. E tal análise torna-se essencial, pois dela decorrerá a possibilidade de, a partir de agora e crescentemente, construir a articulada sintonia de todas as políticas de manutenção, aquisição, catalogação e ocupação de espaços físicos de acervos, e as decorrentes definições de ordem financeiro-administrativa que conformarão os futuros espaços museológicos e seus conteúdos – trata-se, em suma, de antecipar o museu do futuro, moldando-o à medida que novas demandas surjam e possam ser atendidas. (ALMEIDA, 1998, p.277)

Apesar de o trecho acima tratar, especificamente, de acervos museológicos, os cartazes, como já dito, também podem ser considerados além de documentos, obras de arte, constituindo não apenas um acervo documental, mas também um acervo “museológico”, devido à sua importância aos interessados em iconografia. Assim, poderá haver o interesse tanto em relação ao assunto que o cartaz documenta quanto como expressão artística.

Devido à riqueza da coleção, aliada a abrangência de seus possíveis usos, fica difícil determinar um único perfil de público interessado. Acredita-se serem necessários maiores investimentos na preservação e divulgação desta coleção. Bem como o registro das pesquisas atendidas e um projeto para tratar e disponibilizar as informações de modo a deixá-la mais acessível ao público interessado.

3.2 A digitalização

O profissional bibliotecário, dentro de suas diversas funções, tem por ações essenciais a organização, representação e disseminação da informação em seus variados suportes e procedimentos.

A frequência de inovações tecnológicas exige o aprimoramento dos suportes e processos para o uso eficiente e eficaz dos recursos tecnológicos.

De acordo com Serzedello e Tomaél (2011, p.26):

O processo de produção do conhecimento na inovação tecnológica é formado pelo ciclo de idéias no âmbito da ciência, por meio de pesquisa, criatividade e experimentação, obtendo um produto ou processo de fator aplicável. Este processo de desenvolvimento científico e tecnológico aprimora o bem-estar da sociedade e a tecnologia acarreta a evolução da população, devendo estes ser conduzidos em conjunto.

Atentos às inovações tecnológicas e aos fazeres biblioteconômicos, os funcionários da Sala de Artes Sérgio Milliet sugerem um projeto de digitalização para a sua coleção de cartazes com a intenção de aperfeiçoar a preservação e também facilitar o acesso à coleção.

Um dos exemplos que inspiram é o projeto de visibilidade da coleção de cartazes da biblioteca do MAC/USP¹⁰, que disponibiliza em seu site um arquivo em formato *doc* com as referências e as fotos de 49 cartazes de seu acervo. Outra instituição cujo trabalho serve de modelo é a Cinemateca Brasileira¹¹, que possui módulo para cartazes em sua base de dados contendo imagens dos mesmos. O acervo possui 8.700 cartazes, dos quais 2 mil são cartazes já digitalizados de filmes brasileiros.

A digitalização pode se tornar viável quando o intuito é aumentar o tempo de vida útil dos materiais existentes unicamente em meio físico. Entretanto, a digitalização não se limita apenas na preservação física dos materiais que foram digitalizados, mas também coopera para a rapidez de disponibilidade e divulgação desta coleção.

O Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ (2010, p. 06) assegura o relatado anteriormente quando diz que devemos digitalizar para:

¹⁰ **MAC/USP.** Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/conteudo/biblioteca/cartazes.asp>. Acesso em: 20 set. 2013

¹¹ **CINEMATECA.** Disponível em: <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=CARTAZES&lang=p> Acesso em: 20 set. 2013

- Contribuir para o amplo acesso e disseminação dos documentos arquivísticos por meio da Tecnologia da Informação e Comunicação;
- Permitir o intercâmbio de acervos documentais e de seus instrumentos de pesquisa por meio de redes informatizadas;
- Promover a difusão e reprodução dos acervos arquivísticos não digitais, em formatos e apresentações diferenciados do formato original;
- Incrementar a preservação e segurança dos documentos arquivísticos originais que estão em outros suportes não digitais, por restringir seu manuseio.

Logo, quando pensamos no processo de digitalização da coleção de cartazes, não somente atenderemos aos requisitos básicos de preservação como também contribuiremos para um melhor atendimento às necessidades dos usuários reais e potenciais.

Evidenciado também pelo CONARQ (2010 p.04) quando menciona que,

A digitalização de acervos é uma das ferramentas essenciais ao acesso e à difusão dos acervos arquivísticos, além de contribuir para a sua preservação, uma vez que restringe o manuseio aos originais, constituindo-se como instrumento capaz de dar acesso simultâneo local ou remoto aos seus representantes digitais como os documentos textuais, cartográficos e iconográficos em suportes convencionais, objeto desta recomendação.

O trabalho de digitalização não é um processo simples e por isso, antes da sua efetivação, deve-se realizar um diagnóstico que envolva toda a equipe da Biblioteca Mário de Andrade, com o objetivo de implementar melhorias e prevenir possíveis problemas, baseando-se na realidade tanto das áreas de atendimento quanto de acervo da biblioteca. Para a sua elaboração, devem ser considerados os seguintes itens:

- Infraestrutura;
- Delimitações e definições claras das responsabilidades tanto do contratante quanto da empresa contratada;
- Relação entre tempo, custo x benefício, desempenho técnico (importação de dados, indexação, armazenamento, visualização, segurança, compatibilidade, interoperabilidade).

- Estabelecimento de políticas de acesso, direitos de uso da informação e memória digital;
- Uso satisfatório com qualidade;

Esses e outros critérios, tal como descrito nas recomendações ergonômicas do Ergolist, poderão também respaldar as definições que se referem à área de interação com o usuário.

A eficácia e eficiência do projeto de digitalização estão intimamente ligadas ao envolvimento e conhecimento dos funcionários da biblioteca na execução do projeto, indo de encontro ao que menciona Moura (1996, p.5):

A empresa utiliza de forma sincronizada informações de diversas naturezas (...). As diversas atividades de uma empresa devem ser sincronizadas para que haja melhor aproveitamento dos recursos na transformação dos produtos. A cadeia de informação ao longo da empresa é que permite essa articulação entre as funções.

A formulação de um projeto de transferência de suporte parcialmente em meio digital (por meio de planilhas) para o totalmente digital reflete a realidade de uma prática insatisfatória perante as necessidades de ampliação do acesso ao conhecimento. No entanto, sua iniciativa cumpre a função das bibliotecas públicas, que é o de estar atento às formas como os usuários buscam informações de seu interesse. O acompanhamento da evolução tecnológica com o uso das ferramentas de informação e comunicação é imprescindível para o progresso da Sala de Artes Sergio Milliet da Biblioteca Mário de Andrade, que estimulará o desenvolvimento dos indivíduos trazendo benefícios para a sociedade.

Considerações finais

Evidencia-se, a partir do exposto, a importância da organização e digitalização da coleção de cartazes não só pela sua representatividade enquanto histórico da construção do design gráfico brasileiro, mas também como reflexo da época e sociedade em que foram produzidos.

A potencialidade de uso dos cartazes em áreas que vão além do design, tais como história, sociologia, dramaturgia, artes plásticas e gráficas e tantas outras, poderão ser melhor exploradas a partir da divulgação da coleção ao público geral, e a digitalização será peça fundamental para a ampliação do seu acesso e efetivo uso.

Enquanto não se torna possível a efetivação do projeto de digitalização da coleção de cartazes, devido a falta de recursos para este e tantos outros projetos da Biblioteca Mário de Andrade, a equipe trabalha diariamente para a sua organização, manutenção e uso. A publicação deste artigo, redigido de forma colaborativa pelos funcionários da Sala de Artes Sergio Milliet, é uma das ações para que mais pessoas conheçam a sua existência e importância, chamando atenção, assim, para a importância da discussão e criação de políticas que efetivem a modernização das bibliotecas públicas do Brasil, tão necessária e ansiada por bibliotecários e cidadãos.

Referências

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Por uma rearquitetura dos serviços de informação em arte na cidade de São Paulo**, 1998; 364 f. Tese (obtenção do título de Doutor) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998;

BETTREVILLE, Sheila Levrant de. Alguns aspectos do design da perspectiva de uma designer. IN: BIERUT, Michael; HELFAND, Jassica; HELLER, Steven; POYNOR, Rick (orgs.). **Textos clássicos do design gráfico**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 258-266;

CASSARES, Norma. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto_pdf_14_Como%20fazer%20conservacao%20preventiva%20em%20arquivos%20e%20biblioteca%20s.pdf>. Acesso em 30 jan. 2011;

CENTRO DE PESQUISA DE ARTE BRASILEIRA (SÃO PAULO, SP). **O cartaz em São Paulo**. São Paulo: IDART, 1980;

Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ. **Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes**. 2010.

Disponível em:

<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/recomendaes_para_digitalizao.pdf> . Acesso em: 23 ago. 2013;

A CULTURA do cartaz: meio século de cartazes brasileiros de propaganda cultural. São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2008?;

CURRÍCULO lattes Regina Cunha Wilke.

Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4770463E0>>. Acesso em 27 set. 2013;

HISTÓRIA da Biblioteca Mário de Andrade. Disponível em:

<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>>. Acesso em: 18 set. 2013;

MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. **Linha do tempo do design gráfico no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011;

MOURA, Luciano Raizer. Informação: a essência da qualidade. **Ciência da informação**, v. 25, n. 1, 1996. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/viewFile/488/443>> . Acesso em: 23 ago. 2013;

SERZEDELLO, N.; TOMAÉL, M. Produção tecnológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL): Mapeamento da área de Ciências Agrárias pela Plataforma Lattes. **AtoZ**, Curitiba, v. 1, n. 1, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br/index.php/atoz/article/view/11>>. Acesso em: 23 ago. 2013;

VIGNELLI, Massimo. Convite à crítica. *In* BIERUT, Michael; HELFAND, Jassica; HELLER, Steven; POYNOR, Rick (orgs.). **Textos clássicos do design gráfico**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p.298-299;

WEILL, Alain. **O design gráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WILKE, Regina Cunha; FARIAS, Priscila Lena. **Organização de um acervo de cartazes sob uma perspectiva de design gráfico**. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 8., 2008, São Paulo. Documento fornecido pela autora